

1 FESTIVAL BRASILEIRO DE CINEMA
Centro de Estudos Cinematográficos

Acervo Digital

Walter

Walter
da Silveira

Museu de Arte de São Paulo, Brasil

Acervo Digital

Walter da Silveira

1 Festival Brasileiro de Cinema

I FESTIVAL BRASILEIRO DE CINEMA
Centro de Estudos Cinematográficos

Acervo Digital

apresentação de Paolo Giolli

Walter
da Silveira

Museu de Arte de São Paulo, Brasil

«Sombra do Pavor» ocupa um lugar de destaque dentro do cinema. Aparentemente focalizando em primeiro plano uma história banal, desenvolve um dos temas mais complexos que se tem filmado.

As vezes utiliza-se de um realismo irônico para conseguir uma crítica de caráter social; outras vezes abusa de um perigoso decorativismo como na cena da carta que esvoaça pela igreja e do diálogo entre Dr. Germain e Dr. Vorzet, onde é usado um efeito excessivo com o movimento de uma lâmpada.



«LE CORBEAU» (Sombra do pavor) - 1943 —
Direção de Henri-Georges Clouzot — Interpre-
tação de Pierre Fresnay, Ginette Leclerc, Pierre
Larquey, Noel Roquevert, Louis Seigner. — Fo-
tografia de Nicolas Hayer — História e cenário
de Louis Chavance — Adaptação e diálogos de
Clouzot e Louis Chavance — Música de Tony
Aubin — Distribuição por França Filmes.

Sem dúvida nenhuma a obra mais importante de Chaplin e uma das maiores de toda a história do cinema.

Resume toda uma experiência e uma filosofia que vinha sendo esboçada desde o início de sua filmografia. Agora, porém a exposição da idéia é apresentada de maneira mais enérgica e violenta, fazendo do filme um dos maiores libelos dos últimos tempos.

Um dos raros filmes onde se torna difícil encontrar defeitos, desde que não nos deixemos levar por uma estilística que, no caso não tem a mínima importância.



«MONSIEUR VERDOUX» («Monsieur Verdoux») - 1947 — Direção Charles Spencer Chaplin — Música e produção Chaplin — Baseado numa idéia de Orson Welles — Assistente Robert Florey — Interpretação Charles Chaplin, Martha Raye — Distribuidora U.A.

Harold Lloyd tentou, após sua obra de cinema mudo, alguns filmes sonoros.

Apresenta recursos interessantes no transplantar a gag para essa nova modalidade, trazendo grandes influências do cinema mudo.

Faz desse filme obra característica para o estudo sobre a gag no sonoro, trazendo ainda consigo um interesse histórico e arqueológico.

Seus recursos, dentro do sonoro, juntamente com os de Chaplin e Keaton, apresentam-se muito mais inteligentes que os de qualquer outro comico atual.



«MOVIE CRAZY» («O cinemaniaco») - 1932 —
Direção Clyde Bruckman — Fotografia Walter
Lundin — Cenário Vicente Lawrence — Inter-
pretação Harold Lloyd, Kenneth Thomson, Sid-
ney Jarvis, Eddie Fetherstone, Louise Claser Hale
— Distribuidora C.A.D.E.F.

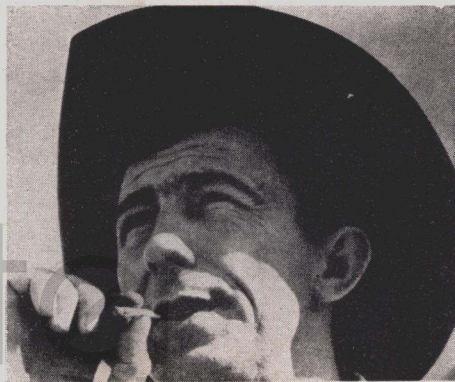
Num sentido mais elementar, podemos considerar «Crime em Paris» como obra de grande interesse na filmografia francesa e como experiência decisiva para Clouzot.

O valor do filme não reside propriamente nem na história nem na interpretação, mas sim na reconstrução dos ambientes em que se desenvolve o assunto. Explorando ao máximo esses ambientes, Clouzot apresenta uma história comum, narrada de maneira inteligente.



«QUAI DES ORFÈVRES» («Crime em Paris»)
- 1947 — Direção de Henri-Georges Clouzot —
Interpretação de Louis Jouvet, Simone Renant,
Suzy Delair, Bernard Blier, Charles Dullin, Pierre
Larquey — Distribuição no Brasil por França
Filmes.

Nêste filme de Watt encontramos um senso poético muito acentuado, um contínuo amor pela terra e por tudo aquilo que se relaciona a ela. O filme, porém, peca por falta de unidade quando o diretor passa a narrar — e parece — nos seja a história contada sem convicção, tanto no folhetinesco como no romanceado, excluindo os momentos, em que os atores agem enquadrados no mais alto senso documentarista. Extraíndo-se êsses momentos que, aliás, se apresentam em número bem acentuado, encontramos no filme instantes de rara pureza. A emoção surge da maneira mais simples, indicando, de modo significativo, ainda uma vez, o grande valor artístico que se pode obter documentariamente.



da Silveira

«THE OVERLANDERS» («A Manada») - 1945
— Ealing Studios — Austrália - Inglaterra —
Direção Harry Watt — Interpretação C. Rafferty,
Daphne Campbell — Distr. Universal.

O Cinema Suíço em 1935 com «Die Ewige Maske», de Werner Hochbaum, revelou possibilidades até essa data desconhecidas.

Leopold Lindtberg, juntamente com alguns outros, esforçou-se a fim de formar uma cinematografia suíça, que encontrou em «A última porta» (do mesmo Lindtberg) a melhor realização. Com «Maria Luiza», de alguns anos anterior, temos outro exemplo, apresentando-se interessante, especialmente para nós pelo fato de ser um dos raros exemplos daquela cinematografia, que chegaram ao nosso conhecimento.



«MARIE-LOUISE» («Maria Luiza») - 1942 —
Direção Leopold Lindtberg — Cenário Richard
Schweizer — Fotografia Emil Berna — Música
Robert Blum — Produção L. Weschler, Prae-
sens Film Zurich — Interpretação Josiane,
Margarit Winten, Anne Marie Blanc — Dis-
tribuidora C.A.D.E.F.

Tem a sua própria estrutura racional: o conceito ortodoxo do documentário. Mas a linguagem usada e o desenrolar-se da ação e da crônica através de uma montagem estudada criam uma realidade completamente nova, de uma absoluta consistência. Encontramos já em embrião aquela maior força de análise que farão de «Man of Aran» e «Louisiana - Story» os dois filmes mais completos e unitários de Flaherty. O grande valor humano, não limitado somente à história particular do esquimó, será a mesma nota que sempre caracteriza Flaherty; a interpretação de uma sociedade em contínua luta para a vida sempre centralizada por uma idéia idílica. O filme originariamente (mudo) tinha 81 letreiros, muito condensados no princípio, e mais raros no fim — pois à medida que a linguagem cinematográfica ia tomando maior consistência, eles desapareciam pouco a pouco.

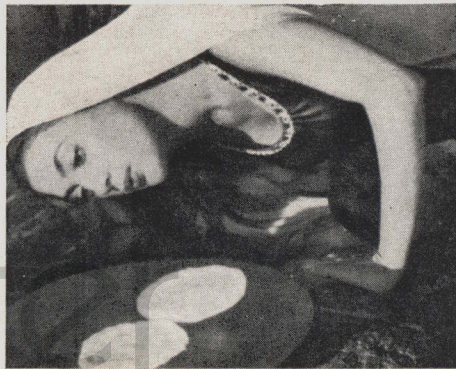


«NANOOK OF THE NORTH» («Nanuk») -
1922 — Estados Unidos — Direção Robert
Flaherty — Cenário e Fotografia Robert J.
Flaherty — Colaboração Thierry Mallet — Pro-
dução Revillon Frères — D.str. United Artists.

Com Fernandez e Figueroa podemos considerar estudável uma parte do cinema mexicano que encontra as próprias bases nas experiências antigas de Eisenstein e do documentarista Paul Strand.

Com estas bases formais superando um exclusivo gosto pela imagem, penetra-se desta vez numa procura de caráter mais profundamente social; e sob o ponto de vista do realismo e da documentação, resulta o filme bastante intenso.

«A Pérola», onde sentimos a presença de John Steinbeck, foge às soluções mais comuns de Figueroa; chega a transformar o maneirismo fotográfico em quase autêntico cinema.



«LA PERLA» («A Pérola») - 1946 — Fama Aquila - México — Direção Emílio Fernandez - Fotografia Gabriel Figueroa - Argumento John Steinbeck, Fernandez, Wagner — Cenografia Torres Torija — Música Antônio Dias Conde — Interpretação Pedro Armendariz, Maria Helena Marques, Charles Rooner, Fernando Wagner, Alfonso Bedoya — Distr. R.K.O.

Segundo filme de Fritz Lang nos EE. UU. Torna-se mais evidente a sua posição frente aos aspectos sociais mais típicos de um povo. Os defeitos apontados em «Fúria» poderiam ser comparados com os de «Vive-se uma só vez»; porém em «Fúria» encontramos maior segurança de linguagem, o que veio contribuir para a melhor exposição do tema, fazendo do filme um dos mais corajosos apresentados sobre o fenómeno social.

Êsses dois filmes já marcam o início da decadência de Lang, que veio se acentuando cada vez mais, até culminar no absurdo de suas atuais realizações.



«FURY» («Fúria») - 1936 - Metro Goldwyn Mayer - Estados Unidos — Direção Fritz Lang — Cenário e diálogo Fritz Lang, Bartlett Cormack — Argumento Norman Krasna — Fotografia Joseph Ruttenberg — Interpretação Spencer Tracy, Silvia Sidney — Produção Mankiewicz — Distr. Metro.

A influência de «Paisá» sobre boa parte da cinematografia dos últimos anos é facilmente reconhecível. Não está somente nisso a importância do filme; mas sobretudo na nova elucidação de um estilo — o realismo italiano — que encontra em «Paisá» um dos seus momentos mais altos. Na sua simplicidade de forma e de linguagem, assim como também na sua aparente fragmentação, Rossellini chega a uma documentação absolutamente unitária, sem divagação alguma no seu pensamento. O último episódio resulta, apesar dos defeitos encontráveis, numa das páginas mais belas que o cinema nos tem dado. Os defeitos encontrados acabam por tomar pequeno vulto, se considerarmos a obra num sentido mais vasto, tomando-se como ponto de vista o seu profundo significado humano.



«PAISÁ» («Paisá») - 1946 - Itália — Direção Roberto Rossellini — Cenário Roberto Rossellini, F. Fellini, S. Amadei — Fotografia Otello Martelli — Música Renzo Rossellini — Produção Rossellini Rogers — Interpretação Maria Michi, Gar Moore, Carmela Sazio, Robert Van Loon — Distr. Europa Sul América Filmes.

Juntamente com «Também somos seres humanos», «Bataan» e «Um punhado de bravos», «Um passeio ao sol», é considerado como um dos importantes filmes sobre a última guerra, feitos nos EE. UU. E' evidente, entretanto, a falta de paralelo entre essas obras e as relativas à primeira guerra, período em que o próprio Milestone realizou algo de mais importante como «Sem novidade no front ocidental», onde além de outros valores, destaca-se como bem marcado o seu conteúdo social, ausente em «Passeio ao sol».



«WALK IN THE SUN» - («Passeio ao Sol») - 1945 - Fox - Estados Unidos — Direção Lewis Milestone — Interpretação Dana Andrews, Richard Conte, Herbert Rudley, James Cardwell, Lloyd Bridges, Norman Lloyd, John Ireland — Produção Samuel Bronston — Cenário Robert Rossen — Fotografia Russell Harlan — Música Fredric Efrem Rich.

O filme tem como característica a identificação do tempo real com o tempo ideal.

Podemos considerar esta obra como uma das mais importantes do último cinema americano: útil como exemplo.

Existem alguns personagens bem construídos, ambientes e situações de um realismo cru e particulares de uma intensa eficácia. Mas nem sempre tudo resulta original.

Tecnicamente parece impecável: montagem, fotografia e som.

Mesmo reconhecendo os valores não comuns, parece-nos porém que não nos podemos firmar nessas considerações.

Sem dúvida há uma certa ingenuidade que a técnica superou; e isso nos faz perguntar se por acaso não estamos diante de uma obra de artesanato, ao invés de uma realmente alcançada expressão artística.



«SET-UP» («Punhos de Campeão») - 1949 - Estados Unidos — Direção Robert Wise — Fotografia Milton Krasner — Interpretação Robert Ryan, Andrey Totten — Distr. R.K.O.

Da falta de conhecimento que temos do atual cinema sueco, resulta a impossibilidade de avaliarmos «Hets» enquadrando-o tanto na obra de Sjöberg, como na da cinematografia nórdica. Considerando-o isoladamente, sem dúvida podemos definí-lo como obra de absoluta importância, tanto na sua estrutura quanto nas soluções de caráter interpretativo e técnico. Temos em «Hets» a exposição de várias soluções que, sem dúvida nenhuma situam o filme entre os melhores que enfrentam os problemas sociais.



«HETS» («Tortura de um Desejo») - 1944 -
Suécia — Direção Alf Sjöberg — Interpretação
Stig Jarrel, Mai Zetterling, Alf Kjellin — Distr.
R.K.O.

A tradição regionalista do cinema italiano e a procura de um realismo derivado da França, convergem em «Obsessão», geralmente considerado como o filme que deu origem ao novo estilo italiano. Ele é o resultado de uma cultura cinematográfica que só pode expandir-se num período de guerra e pré-liberação. Considerado como um dos precursores do neo-realismo italiano, o filme de Luchino Visconti despertou interesse mesmo fóra dos círculos provincianos. Parece-nos, no entanto, que dentro do verdadeiro sentido da palavra neo-realismo, mais do que «Obsessão», deva ser considerado como precursor o filme de De Robertis «Uomini sul fondo»; ao passo que «Obsessão» deve ser tido como um filme de carácter isolado, de grande valor artístico, que deu ao cinema italiano uma experiência mais estilística do que de «escola».



«OSSESSIONE» («Obsessão») - 1942 — Dir. Luchino Visconti — Argumento James Cain — Cenário e Diálogo — Alicata, Pietrangeli, Puccini, De Santis, Visconti — Fotografia Aldo Toniti, Domenico Scala — Música Giuseppe Rosati — Interpretação Clara Calamai, Massimo Girotti, Juan De Landa, Vittorio Duse, Elio Marcuzzo — Distr. Art Film.

O cinema inglês, caracterizado pelas famosas obras de Sir Lawrence Olivier, Alberto de Almeida Cavalcanti, da dupla Michael Powell-Emeric Pressburger, dos documentaristas, etc., tem em «Desencanto» um filme à parte que marca, ao mesmo tempo, uma exceção dentro da própria obra de David Lean. O diretor de «Grandes esperanças», «Oliver Twist», «História de uma mulher», surpreende-nos com algo que escapa à tradição artificialista e fria da produção britânica, realizando em «Desencanto» uma das obras mais raras da tela e completamente independente de todas as tendências existentes no cinema inglês, incluindo-se o acentuado cerebralismo.

A simplicidade do tratamento e da interpretação, especialmente a de Celia Johnson, nos leva a aceitar como espontânea e necessária, a inovação introduzida da voz fóra de campo.



«BRIEF ENCOUNTER» («Desencanto») - 1946
- Inglaterra — Noel Coward — Cineguild — Direção David Lean — Interpretação Celia Johnson, Trevor Howard — Argumento Noel Coward — Fotografia Robert Krasker — Decor. L. P. Williams — Produção Arthur Rank — Distr. Universal.

Além de ter sido o primeiro filme falado de Lang, marca uma nova etapa na sua obra. Abandonando o maquinismo de algumas de suas obras precedentes, mas ressentindo ainda de uma educação expressionista que não lhe foi inútil, indica uma nova forma realística. Antes, nos outros filmes, a multidão era considerada como algo de anônimo e decorativo; agora, porém, apresenta cada tipo perfeitamente delineado. «M» é um dos últimos filmes alemães de valor anteriores à decadência nazista. Apresentando Peter Lorre na sua primeira interpretação, encontramos-lo em sua melhor atuação. Com «M» Lang se liberta de uma estilização sistemática, que poderia ter resultado em algo sem significado.



«M» - «MURDER» («O Vampiro de Dusseldorf») - 1931 - Nero Film — Direção Fritz Lang — Operador Fritz Arno Wagner — Argumento Thea Von Harbou — Cenografia Emil Hasler — Interpretação Peter Lorre, Inge Landgut, Gustaf Gründgens — Distr. Dipa Film.

Demonstra claramente a contribuição de Bela Balazs. Reconhecemos as «imagens-símbolo» e as «enquadraturas-metáfora» e, na montagem, a «tesoura-poética», tão sustentada teóricamente por Balazs nos seus tratados fundamentais.

O filme denuncia a influência direta da escola russa e, nêstes pontos encontramos a diferença com o realismo italiano, de fundamentos diversos, nascidos de outras exigências e experiências.

Êste filme representa para nós uma das pouquíssimas obras quase completamente realizadas nêste após guerra, embora em sua primeira parte, apesar de sua autêntica beleza, apresente ainda uma aproximação com formas vanguardistas já há tempos ultrapassadas, e na segunda, apesar de sua poética que às vêzes assume tons de elevada pureza, de quando em quando ainda uma leve retórica.



«VALAHOL EUROPABAN» («Em qualquer parte da Europa») - 1948 — Direção Geza Radvány — Cenário Geza Radvány, Bela Balazs — Interpretação Gabor Miklos — Distr. Europa Sul America Filmes.

Rovensky juntamente com Machaty e Mac Fric formam a trilogia que mais caracteriza o cinema tcheco. E com «Adolescência» temos um filme onde o sonoro, pela primeira vez, toma consistência, passando para um plano tão importante quanto o da imagem, e não apresentando mais uma função apenas de caráter decorativo — haja visto as cenas em que o som de uma gaita vem a ter o mesmo valor da palavra sugerida. Em todo o drama sentimos a presença constante da paisagem e de todos os seus detalhes o que verificamos, da mesma maneira, em quase todos os filmes tchecos de importância.



«REKA» («Adolescência») - 1933 — Direção
Josef Rovensky — Cenário Jan Reiter — Inter-
pretação Vasa Jabove, Jarvila Berankova —
Distr. Fama Film.

Um filme com pretensões a se apresentar na escola de Carné e a fazer parte das grandes obras poéticas do cinema. Entretanto, o seu interesse pode ser limitado na demonstração das tendências realísticas francesas do ante-guerra, valendo-se da presença da dupla Morgan-Gabin, e de vários outros recursos que acabam por cair no formalismo de uma escola.

Apesar de sua mediocridade, tanto o filme quanto o seu diretor acabam tendo um interesse histórico relativo a um momento significativo do cinema francês.



«REMORQUES» («Águas Tempestuosas») - 1940
- França — Direção Jean Gremillon — Interpretação Jean Gabin, Michelle Morgan — Distr. França Film.

Um filme fraco dentro da obra de Clouzot, mas que apresenta os pontos iniciais de seu pensamento numa linha que continua até hoje em seus últimos filmes.

Já na sua obra de estreia revela uma coragem e uma firmeza incomuns no mostrar e tratar sequências de valor social estimável, assim como uma sinceridade que até hoje não se desmentiu. A prova disso está naquele bêbedo que canta algo à cerca dos gendarmes, de sôbre um lampeão; no beijo da enfermeira no cego; no diálogo com o fabricante de bonecas; nas meninas que comem doce alegremente, enquanto esperam pelo espetáculo, etc. — coisas que se prolongam desenvolvendo-se cada vez mais, embora apresentadas, nas outras suas obras, sob aspecto diferente.



«L'ASSASSIN HABITE AU 21» («O Assassino mora no 21») - 1942 — Direção de Henri-Georges Clouzot — Interpretação de Pierre Fresnay, Suzy Delair, Jean Tissier, Pierre Larquey, Noel Roquevert, Odette Talazac — Fotografia de Armand Thirard — História de S. A. Steemann — Adaptação de Clouzot e S. A. Steemann — Música de Maurice Yvain — Distribuição no Brasil por França Filmes.

Pode ser considerada como a maior experiência de Clouzot.

O decorativismo, que em «Sombra do Pavor» cai às vezes no negativo, em «Manon» toma maior consistência, mas tendo uma contínua funcionalidade dentro da história e da narrativa.

O realismo se apresenta de forma tão rigorosa, que nos torna possível delinear a personalidade de Clouzot. «Manon», revela em seu diretor uma personalidade excepcional da época, que, se continuar seguindo a mesma linha até agora adotada, constituirá, sem dúvida, um dos momentos mais importantes do cinema.



«MANON» («Anjo Perverso») - 1948 — Direção de Henri-Georges Clouzot — Interpretação de Cécile Aubry, Michel Auclair, Serge Reggiani, Gabrielle Dorziat, Raymond Souplex — Fotografia de Armand Thirard — História: «Manon Lescaut», de Prévost — Cenário e adaptação de Clouzot — Diálogos de Jean Ferry — Música de Paul Misraki.

COLOPHON

Este opúsculo publicado pelo «Museu de Arte» de São Paulo (Brasil) em julho de 1950, ficou a cargo da Casa Editôra HABITAT, de São Paulo. Fundado pelo jornalista sr. Assis Chateaubriand, o «Museu de Arte» tem como presidente o sr. Samuel Ribeiro; presidente do Conselho, a sra. Maria da Penha Müller Carioba; secretário, o sr. Quirino da Silva; tesoureiro, o sr. Fulvio Morganti; membros do Conselho: sra. Angelina Boeris Audrá, srs. Joaquim Bento Alves de Lima, Franco Zampari, Jaime Torres e Walter Belian. Diretor: sr. P. M. Bardi.

O «Museu de Arte» agradece ao sr. Giovanni Scheiwiller, de Milão, idealizador desse gênero de edições em formato pequeno, das quais nos servimos como modelo para esta série de opúsculos.

Impresso nas Oficinas da IPSIS S. A., S. Paulo.